

## ***Estruturas em Movimento: alguns tópicos sobre as construções-Q e de clivagem***<sup>1</sup>

Nélia Alexandre<sup>2</sup>

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Onset-CEL)

### **1. Introdução**

Partindo de algumas análises no quadro da Gramática Generativa das construções que envolvem movimento-A', como as orações relativas, interrogativas e clivadas, e que têm sido feitas para o Português Europeu (PE) e para o Português Brasileiro (PB)<sup>3</sup>, o objectivo deste artigo é apresentar dados do Crioulo de Cabo Verde (CCV – variante de Santiago<sup>4</sup>) que mostram que esta língua de base lexical portuguesa disponibiliza estratégias semelhantes às variedades do Português referidas, convergindo e/ou divergindo daquelas em alguns aspectos.

Pretende-se ainda chamar a atenção para o facto de, nas construções e línguas em estudo, parecer haver gramáticas em competição, condicionada pelos traços de *que/ki*, deixando aos falantes a opção de escolha de uma delas.

### **2. Construções-Q e de clivagem em PE**

#### **2.1. Estruturas com movimento-Q**

A maior parte dos estudos linguísticos sobre construções-Q em PE tem afirmado que tanto relativas como interrogativas e clivadas envolvem movimento-A' (especialmente movimento-Q, no caso das relativas e das interrogativas-Q) dos constituintes sobre os quais recaem estas operações.

No que diz respeito às orações relativas, o PE dispõe de três estratégias para a formação destas construções, mas apenas a chamada 'relativa canónica' move, para *Spec/CP*, um Operador que vai ligar uma variável deixada na posição de origem do elemento deslocado. Esta estratégia caracteriza-se por envolver também  *pied piping*  de PPs (cf. (1)):

(1) *O livro*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> *de que*<sub>i</sub> mais gosto *t*<sub>i</sub>] é "O Monte dos Vendavais".

Relativamente às interrogativas-Q do PE (cf. Ambar 1992 e Duarte 2000), elas são enunciados que se caracterizam por envolverem o movimento-*Ā* de um morfema ou sintagma-Q, gerado numa posição interna à frase, para *Spec/CP* (cf. (2)).

(2) [<sub>CP</sub> *Que livro*<sub>j</sub> [<sub>C°</sub> *leu*<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> *a Maria t*<sub>i</sub> *t*<sub>j</sub> ]]]?

Para além disto, segundo Brito *et al.* (2003:466), os morfemas-Q com os traços formais [+Q, +Int] não podem co-ocorrer com complementadores explícitos em C° (cf. (3)).

---

<sup>1</sup> Como o texto apresentado faz parte de um trabalho de investigação em curso, razão pela qual algumas das questões não são mais desenvolvidas, gostaria de agradecer a Ana Lúcia Santos, Tjerk Hagemeijer e, especialmente, a Inês Duarte os seus comentários. Agradeço também à audiência do 1º CILP e a dois revisores anónimos as sugestões feitas. Quero expressar igualmente o meu agradecimento, pelo empenhamento e tempo dispensado, aos informantes caboverdianos Jeremias Fernandes, Ermelinda Furtado e José Moreno.

<sup>2</sup> Projecto BD/13536/2003 apoiado pelo Fundo Estrutural Europeu do IIIº Quadro Comunitário de Apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal.

<sup>3</sup> Veja-se, para o PE, Brito 1991, Ambar 1992, Alexandre 2000, Duarte 2000 e Costa & Duarte 2001 e, para o PB, Tarallo 1985, Kato 1993, Rossi 1993 e Kato *et al.* 1996.

<sup>4</sup> A ilha de Santiago foi descoberta em 1456 pelos portugueses, mas tanto quanto sabemos os mais antigos registos escritos do CCV datam da segunda metade do século XIX (cf. Coelho 1880, Costa & Duarte 1886, e Brito 1887, reeditado numa colectânea de 1967 por J. Morais-Barbosa). Prevê-se que em 2005 o Crioulo passe a ser língua oficial da República de Cabo Verde, a par do Português, estando a ser testada desde 1998 a Convenção Ortográfica ALUPEC.

(3) \*Quem que chegou?

## 2.2. Estruturas sem movimento-Q

No PE falado há, em alternativa à canónica, duas estratégias disponíveis para relativizar constituintes: a ‘cortadora’ (*PP-chopping*) e a ‘resumptiva’. Segundo Peres & Mória (1995) e Alexandre (2000), estas estratégias ocorrem mesmo nos estratos mais escolarizados dos falantes de Português, atingindo já um grau de frequência muito elevado (especialmente a cortadora, que começa a ocorrer *inclusively* no discurso escrito).

Quanto à estratégia cortadora, ela é própria dos PPs relativizados, consistindo no apagamento da preposição que precede o elemento-Q e deixando uma lacuna na posição de origem desse PP (cf. (4)).

(4) Desculpem interromper, mas nós temos aqui uma pessoa [<sub>OBL</sub> [<sub>P</sub> Ø] que] já tentámos falar hoje à tarde.

Note-se que o elemento que introduz estas construções – *que* – é morfofonologicamente igual ao complementador que ocorre nas orações subordinadas, sendo provavelmente a mesma forma (como proposta de Tarallo (1985), para o PB, e de Faria & Duarte (1989) e Brito (1995), para o PE). Enquanto complementador, um dos seus traços formais abstractos é especificado como [-Q], não desencadeando por isso o movimento explícito de um constituinte para *Spec/CP*.

A selecção do complementador *que* é, então, uma forma de simplificar o processo de relativização, nomeadamente, evitando o  *pied piping*  de elementos sintacticamente mais pesados – PPs – e apagando, na componente fonológica, o constituinte relativizado que se encontra na posição de origem.

No que diz respeito à estratégia resumptiva, ela é tão marginal quanto a cortadora, embora seja sentida pelos falantes do PE como a mais marcada. Note-se, contudo, que o fenómeno da ‘resumptivização’ não é tão recente quanto o da cortadora, visto já se encontrar atestada em dados do Português do século XVI (cf. (5)).

- (5) a. — Outros... que (= aos quais) muyto melhor lhe fora tal cousa nunca falar  
([Cancioneiro Geral, séc. XVI], II, p. 509).  
b. As ovelhas que... os lobos faziam d’elas mao pesar (Fab. 38).  
(Huber 1933:195)

Este processo de relativização caracteriza-se por poder ocorrer em todas as posições sintácticas (θ-marcadas ou não), sendo a oração relativa introduzida pela forma invariável *que* e ocorrendo na posição de origem do elemento relativizado um pronome (ou um advérbio) com realização lexical que é co-referente do antecedente da relativa (cf. (6)-(7)).

(6) Eles são *dois jogadores*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que eu *os*<sub>i</sub> vejo partir com tristeza].

(7) Acho que são *resultados*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que os militantes não se envergonham *deles*<sub>i</sub> ].

Relativamente ao morfema *que*, a hipótese que se adianta é a de que ele funciona como um complementador de subordinação e não como um pronome relativo. À semelhança do que se disse para a estratégia cortadora, também nesta o movimento-Q é bloqueado.

Como consequência da ausência de movimento-Q, Alexandre (2000:cap. 3) propôs que este tipo de relativas não está sujeito às condições que operam sobre as ilhas, escapando

assim às violações dos movimentos longo e sucessivamente cíclico, e não autorizando o *pied piping* de PPs.

Ao permitir derivações aceitáveis nas condições em que o movimento-Q é excluído, a estratégia resumptiva em PE parece funcionar como um escape ao movimento longo (cf. frases (8)-(10)a., para a estratégia de relativização canónica e frases (8)-(10)b., para a resumptiva).

- (8) Ilha Nominativa  
a. \*Os livros<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> de que<sub>i</sub> [falar  $t_i$  ] se tornou difícil] estão aqui.  
b. Os livros<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que [falar *deles*<sub>i</sub> ] se tornou difícil] estão aqui.
- (9) Ilha de NP Complexo  
a. \*A pessoa<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> com quem<sub>i</sub> tu encontraste [alguém que falaria  $t_i$  ]] está doente.  
b. A pessoa<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que tu encontraste [alguém que falaria com *ela*<sub>i</sub> ]] está doente.
- (10) Ilha Adjunta  
a. \*A pessoa<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> com quem<sub>i</sub> tu partiste [sem falares  $t_i$  ]] adoeceu.  
b. A pessoa<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que tu partiste [sem falares com *ela*<sub>i</sub> ]] adoeceu.

O movimento-Q sucessivamente cíclico, sujeito tanto a ilhas fortes como fracas, parece ser autorizado pela estratégia resumptiva do PE, contrariamente ao que acontece com a estratégia canónica, escapando às violações do Princípio da Categoria Vazia (cf. (11)-(15)).

- (11) Ilha Nominativa  
a. \*Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> onde<sub>i</sub> [encontrar livros raros  $t_i$  ] era possível].  
b. Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que [encontrar livros raros *lá*<sub>i</sub> ] era possível].
- (12) Ilha de NP Complexo  
a. \*Esta é a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> onde<sub>i</sub> tu encontraste [alguém que comprou livros raros  $t_i$  ]].  
b. Esta é a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que tu encontraste [alguém que comprou livros raros *lá*<sub>i</sub> ]].
- (13) Ilha Adjunta  
a. \*Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> onde<sub>i</sub> o João escondeu os livros raros [depois de os ter comprado  $t_i$  ]].  
b. Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que o João escondeu os livros raros [depois de os ter comprado *lá*<sub>i</sub>]].
- (14) Ilha-*wh*  
a. \*Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> onde<sub>i</sub> o professor perguntou [quem comprou os livros raros  $t_i$  ]].  
b. Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que o professor perguntou [quem comprou os livros raros *lá*<sub>i</sub>]].
- (15) Ilha Factiva  
a. \*Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> onde<sub>i</sub> a Maria lamenta [que o João tenha comprado livros raros  $t_i$  ]].  
b. Fechou a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que a Maria lamenta [que o João tenha comprado livros raros *lá*<sub>i</sub> ]].  
(dados in Alexandre 2000:76-78)

Quanto à fuga ao *pied piping*, esta pode estar relacionada com o facto de o movimento de constituintes ser muito pesado. Sempre que é possível, as línguas encontram formas

alternativas de formar as suas orações relativas sem recorrer a *pied piping*. Por exemplo, o Inglês é uma língua que só admite *pied piping* quando constrói relativas com pronomes relativos nítidos (*i.e.*, excluindo o morfema *that*), embora mesmo nesses casos opte preferencialmente pelo processo de *preposition stranding* (abandono de Preposição). Confronte-se o comportamento canónico do PE (em (16)) com o do Inglês (em (17)) relativamente a este aspecto (*in* Alexandre 2000:80-81).

- (16) a. O terrorista [<sub>CP</sub> *a quem*<sub>i</sub> o carteiro entregou a encomenda *t*<sub>i</sub>] foi preso.  
 b. A bomba [<sub>CP</sub> *de que*<sub>i</sub> o terrorista falou *t*<sub>i</sub>] não foi accionada.  
 c. \*A bomba [<sub>CP</sub> *que* o terrorista falou *de*] ...
- (17) a. The child [<sub>CP</sub> *to whom*<sub>i</sub> you gave the icecream *t*<sub>i</sub>] is crying.  
 b. The book [<sub>CP</sub> *about which* you talk *t*<sub>i</sub>] was published.  
 c. \*The book [<sub>CP</sub> *about that* you talk *t*<sub>i</sub>] ...  
 d. The book [<sub>CP</sub> *which/that* you talk *about*] ...

No que diz respeito às orações clivadas do PE, e de acordo com Costa & Duarte (2001:631), elas são estruturas que envolvem movimento- $\bar{A}$ , porque *Spec/IP* não é obrigatoriamente preenchido por um DP, mas não envolvem movimento-Q para fora do domínio em que se dá a relação de identificação. Na verdade, segundo Costa & Duarte (2001:627), as clivadas são estruturas identificacionais em que a relação de identificação se estabelece entre dois termos de uma oração pequena (SC – *Small Clause*) e os constituintes clivados deslocam-se de uma posição interna à SC para *Spec/IP*.

Os autores afirmam ainda que todos os tipos de clivadas são derivados de duas estruturas identificacionais subjacentes (cf. (18)).

- (18) Estrutura subjacente para clivadas-Q, Pseudo-clivadas básicas, Pseudo-clivadas invertidas ou clivadas:

a. [<sub>IP</sub> *ser* [<sub>SC</sub> [<sub>CP</sub> {o que/OP que} o João comeu] [<sub>DP</sub> o bolo]]]

Estrutura subjacente para Pseudo-clivadas invertidas de *é que*, Pseudo-clivadas e Semi-pseudo-clivadas básicas:

b. [<sub>IP</sub> {*ser/é que*} [<sub>SC</sub> [<sub>CP</sub> OP [<sub>IP</sub> o João comeu]]] [<sub>DP</sub> o bolo]]]  
 (Costa & Duarte 2001:628)

No caso das pseudo-clivadas invertidas de *é que*, estratégia de clivagem que as restantes línguas românicas não disponibilizam, a expressão *é que* sofreu um processo de reanálise (complementador *que* do CP/SU da SC incorporado no verbo *ser*) e conta como um morfema único que ocorre em I° (cf. Costa & Duarte 2001:628), dando origem a configurações como as de (19).

- (19) [<sub>IP</sub> [<sub>DP</sub> o bolo]<sub>i</sub> *é que* [<sub>SC</sub> [<sub>CP</sub> *Op* o João comeu] *t*<sub>i</sub> ]]

### 3. Aspectos comuns ao PE, PB e CCV

Depois de revistas algumas das propriedades que caracterizam as construções-Q e as clivadas em PE, atente-se agora em certos aspectos sintácticos destas estruturas que, quer em PB, quer em CCV, são convergentes ao PE.

À semelhança do PE, os falantes do PB têm os seguintes processos de relativização ao seu dispor (cf. (20)-(22)).

- (20) Canónica  
*A moça* [<sub>CP</sub> *com quem*<sub>i</sub> Pedro falou *t*<sub>i</sub>]. (Kato *et al.* 1996:305)
- (21) Cortadora  
Nova Iorque é *uma cidade* [<sub>CP</sub> [<sub>P</sub>  $\emptyset$  ] *que* você respira Gershwin [<sub>P</sub>  $\emptyset$  ]].  
(Tarallo 1985:358)
- (22) Resumptiva  
*O livro*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> *que* as folhas *dele*<sub>i</sub> estão estragadas]. (Kato *et al.* 1996:306)

Tarallo (1985:362) também considera que a estratégia cortadora é muito recente no PB, pois os dados diacrónicos de que dispõe mostram que este recurso só surge na segunda metade do século XIX, enquanto a estratégia resumptiva, por exemplo, já se encontra em textos mais antigos.

Por sua vez, Kato *et al.* (1996:322) propõem que «a estratégia *default* do português falado no Brasil não apresenta preposição em [**Spec, CP**], isto é, com o pronome relativo, mesmo na fala dos adultos cultos (...)». No entanto, como se disse na secção 2.2., rejeita-se o possível peso substancial que a variável ‘nível de instrução’ possa ter na produção deste tipo de relativas.

Quanto à estratégia resumptiva em PB, e apesar de Kato *et al.* (1996:313) considerarem que nesta estratégia há um «vestígio adjacente ao pronome relativo (posição de Top), e esse vestígio deixado pelo movimento-Q controla um resumptivo (lexical ou nulo) dentro da sentença (...)», *i.e.*, que há movimento-Q, assumir-se-á aqui que o PB se comporta como o PE no que diz respeito a esta estratégia de relativização.

No que concerne às frases interrogativas que envolvem movimento-Q em PB, elas comportam-se de forma muito semelhante às do PE.

O aspecto que tem sido mais notado e explorado nas interrogativas do PB quando comparadas com as do PE é a inversão SU-V. Rossi (1993), baseada em dados do Português clássico, mostra que até ao século XIX a inversão SU-V era predominante nas interrogativas-Q, mas que isso se inverteu, sendo actualmente um fenómeno bastante restrito que ocorre quase exclusivamente nas frases com verbos copulativos. Isto pode não ser um ponto divergente, mas antes convergente, relativamente ao PE, pois parece ser o que está a acontecer nesta língua (só que a um ritmo diferente), onde a inversão SU-V também é cada vez menos usada no discurso oral (cf. Duarte 2000). Duarte (1992) (*apud* Kato *et al.* (1996:346)), no seu estudo diacrónico das interrogativas-Q em PB, adianta ainda a hipótese de que a mudança da ordem V-SU para SU-V coincide com o aparecimento de *é que*, mas Kato *et al.* (1996:355) afirmam que *é que* parece não afectar, pelo menos decisivamente, a inversão SU-V, já que em frases com *é que* + verbo copulativo a ordem SU-V não é obrigatória (cf. (23)).

- (23) De onde *é que* [<sub>V</sub> vem] [<sub>SU</sub> esse bom senso]? (Kato *et al.* 1996:357)

Propor-se-á, contudo, que *é que* e o verbo parecem concorrer para a mesma posição e que a relação entre ausência de inversão SU-V e presença de *é que* pode ser crucial. Deste modo, a legitimidade de (23), com *é que* e inversão SU-V, dever-se-á provavelmente a razões de ordem informacional.

Relativamente às estratégias de clivagem em PB, e segundo a descrição feita por Kato *et al.* (1996: 308-309), as clivadas, pseudo-clivadas básicas, pseudo-clivadas invertidas e pseudo-clivadas invertidas de *é que* ('clivada invertida focal', na terminologia dos autores) apresentam a mesma estrutura das correspondentes em PE (discussões teóricas à parte).

Quanto às estratégias de relativização disponibilizadas pelo CCV, podemos afirmar que este crioulo de base lexical portuguesa só permite relativizar através da estratégia canónica igual à do PE (*i.e.*, com movimento-Q que deixa um vestígio vazio na posição de extracção) as posições gramaticais de SU e de OD (cf. (24)-(25)) e aquelas que, em PE, classificamos de complemento nominal (com Caso Genitivo), mas que em CCV são estruturalmente iguais às de SU (cf. (26) e compare-a com (24)).

(24) (Ami) N odja *mininu*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>SU</sub> ki] *t*<sub>i</sub> furta galinha].  
 (1SG) 1SG ver(PERF) crianças que roubar(PERF) galinha  
 'Eu vi as crianças que roubaram as galinhas.'

(25) (*Kes*) *flor*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>OD</sub> ki] bo panha *t*<sub>i</sub>] es e mutu bunitu.  
 (DET) flor que 2SG apanhar(PERF) 3PL ser muito bonito  
 'As flores que tu apanhaste são muito bonitas.'

(26) {Anos/Nos} nu papia ku *kes mudjeris*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>SU</sub> ki] *t*<sub>i</sub>]  
 1PL 1PL falar(PERF) com DET mulheres que  
 tinha roupa xuxu].  
 ter(IMPERF) roupa sujo  
 'Nós falámos com as mulheres que tinham a roupa suja.'  
 Equivalente a: 'Nós falámos com as mulheres cuja roupa estava suja.'

No que diz respeito às orações interrogativas-Q em CCV, a semelhança entre este crioulo e o PE está no facto de eles envolverem movimento-Q dos pronomes interrogativos da sua posição básica para *Spec/CP* (não se está a considerar aqui o caso das interrogativas *in situ*), como em (27). Contudo, há diferenças a assinalar que serão tratadas na secção 4.

(27) [<sub>CP</sub> Kenha<sub>j</sub> [<sub>C'</sub> ki [<sub>IP</sub> *t*<sub>j</sub> fasi katxupa]]]?  
 Quem que fazer(PERF) cachupa  
 'Quem é que fez a cachupa?'

Quanto às possibilidades de clivagem disponibilizadas pelo CCV, a única que tem a mesma estrutura que o PE é a clivada propriamente dita (cf. (28)-(31)).

(28) E [<sub>DP/SU</sub> rapas] ki furta galinha.  
 Ser rapaz que roubar(PERF) galinhas  
 'Foi o rapaz que roubou as galinhas.'

(29) Nu atxa m'e [<sub>DP/SU</sub> fidjus di Maria] ki furta galinha.  
 1PL achar(IMPERF) que-ser filhos de Maria que roubar(PERF)  
 galinhas  
 'Nós pensamos que foram os filhos da Maria que roubaram as galinhas.'

(30) Foi [<sub>DP/OD</sub> galinha] ki rapas furta (e ka patu).  
 Ser galinhas que rapaz roubar(PERF) (ser NEG patos)  
 'Foram as galinhas que o rapaz roubou (não foram os patos).'

- (31) E [DP/OBL ku mudjeris] ki omi papia.  
 Ser com mulheres que homem falar(PERF)  
 ‘Foi com as mulheres que o homem falou.’

Note-se que nestas clivadas o verbo *ser* pode aparecer flexionado em tempo (como em (30)), embora a forma preferida seja a invariável *e*.

#### 4. Aspectos distintos entre o PE, PB e CCV

Alguns subtipos das construções em observação apresentam, no PB e no CCV, aspectos divergentes do PE que sugerem opções distintas das estratégias usadas nesta língua, apontando para a existência de gramáticas em competição. Deste modo, a hipótese que se pretende defender é a que se encontra formulada em (32):

- (32) O PB e o CCV precisam, cada vez mais, de lexicalizar a posição C° [+Q] por *Merge*.

A hipótese exposta em (32), a confirmar-se, pretende dar conta, especificamente, das construções em que a posição de *Spec/CP* se encontra preenchida por um elemento-Q e em C° ocorre, simultaneamente, *que/ki*<sup>5</sup>.

Já vimos que as relativas se comportam de forma muito semelhante quer em PE, quer em PB. No entanto, ao fazer uma breve pesquisa nos dados do NURC<sup>6</sup>, deparamo-nos com uma estratégia relativa, emergente e rara, que poderá ser apelidada de ‘relativa focalizada’<sup>7</sup> (por analogia com as ‘interrogativas focalizadas’, cf. Duarte 2000) e que se caracteriza por ter, à direita do morfema-Q (em *Spec/CP*), o C° do CP relativo lexicalizado pela expressão reanalisada *é que*, o que é totalmente excluído em PE (cf. (33) e compare-a com (34)-(35)).

- (33) \*Há muitas pessoas [<sub>CP</sub> que **é que** vão realmente à escola para aprender].
- (34) (...) mas tem *muitas pessoas*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que [<sub>C°</sub> **é que** [<sub>IP</sub> *t<sub>i</sub>* vai realmente na escola não prá aprende]]] prá fica falando um do outro (...).  
 (Ref: OB2023 – Araraquara)
- (35) (...) que nem o professor de *Direito Civil*<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que [<sub>C°</sub> **é que** [<sub>IP</sub> *t<sub>i</sub>* seria a aula mais importante assim que a gente teria (...)]].  
 (Ref: OB2021 – Araraquara)

Tal como em PE, as interrogativas-Q do PB podem ser clivadas com *é que*, mas focalizar estas construções com *que* apenas parece ser típico do PB (cf. (36) a. e b., respectivamente).

- (36) a. Quem **é que** veio?  
 b. Como **que** a Maria veio? (Kato *et al.* 1996:310)

<sup>5</sup> Se esta hipótese se confirmar, ela pode ser considerada como um contra-argumento àquilo a que nas primeiras fases do Programa Generativista se designava por *Doubly Filled C Filter* (cf. Chomsky & Lasnik 1977), segundo o qual um sintagma-Q e um complementador não podiam co-ocorrer por razões de c-comando dos vestígios.

<sup>6</sup> Dados disponibilizados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

<sup>7</sup> As frases apresentadas em (34) e (35) merecem uma maior atenção no futuro, dado poderem envolver factores de natureza vária e não serem verdadeiras construções relativas. Apesar disto, a ocorrência de *é que* em orações *que*, sem esta expressão, seriam relativas canónicas não deve deixar de ser registada.

Também as clivadas do PB parecem permitir a redução da expressão reanalisada *é que* a *que*. Kato *et al.* (1996:309) propõem a existência de uma estratégia de clivagem a que chamam ‘clivadas sem cópula’ (ou pseudo-clivada invertida de *que*), como em (37):

(37) [Eu] que entro.

Como consequência de tal redução de *é que* a *que*, estas estruturas obtêm uma leitura ambígua entre clivada e relativa (como em (38)a. e b., respectivamente).

- (38) As relativas **que** são fáceis na aquisição do Português Brasileiro. (Perroni 2001:60)
- a. As relativas **é que** são fáceis na aquisição do PB (não são os clíticos).
  - b. As relativas [CP que são fáceis na aquisição do PB] são as restritivas de SU e de OD.

Não se assume que (38) também seja ambígua com as clivadas propriamente ditas, porque esse tipo de clivagem existe em PB à semelhança do PE, ou seja, sem apagamento do verbo copulativo (como em (39)).

(39) Foram [os meninos] que Maria viu. (Kato *et al.* 1996:308)

Distinto do PE é o facto de o PB permitir ‘clivadas com cópula invariante’, comuns no PB coloquial, (como em (40))<sup>8</sup>.

(40) **É** os meninos que vão comigo. (Kato *et al.* 1996:309)

No que diz respeito às diferenças nas estratégias de relativização entre PE e CCV, pretende-se realçar o facto de este crioulo também recorrer à estratégia resumptiva, contudo, este não é um recurso alternativo à relativa canónica, mas antes uma alternativa a outra estratégia de relativização que não existe em PE: o ‘abandono de Preposição com um vestígio realizado’ (esta estratégia caracteriza-se por envolver movimento- $\bar{A}$  de um Operador nulo para *Spec/CP* que liga, na posição de origem, um vestígio realizado sem traços- $\phi$  de concordância com o antecedente da relativa. *Vd.* Alexandre & Hagemeijer 2002). Deste modo, e como vimos na secção 3., enquanto as posições gramaticais de SU e de OD são relativizadas canonicamente, as posições de OI e OBL (que envolvem PPs) têm duas formas possíveis de relativização em CCV (cf. (41)-(42), para a resumptiva e (43)-(45), para a de abandono de Preposição com um vestígio realizado).

- (41) *Kes minina femia*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> [CP/OI ki bo konta-*s*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> kontu]  
 DET criança fêmea que 2SG contar(PERF)-3PL história  
 es sta kontenti.  
 3PL estar(IMPERF) contente  
 Lit.: ‘As crianças que lhes contaste a história, elas estão contentes.’  
 ‘As crianças a quem contaste a história estão contentes.’

<sup>8</sup> Seria interessante explorar o porquê desta diferença de concordância entre o PE e o PB, que pode estar relacionada com o uso cristalizado do verbo *ser* nestas construções de focalização. No entanto, de momento, basta-nos notar que o facto de a cópula poder ser ‘invariante’ em PB afasta esta variedade do PE e aproxima-a do CCV.

- (42) *Kes mudjeris*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> [CP/OBL ki nu papia *kos*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub>] es  
 DET mulheres que 1PL falar(PERF) com-3PL 3PL  
 bai parti.  
 ir(PERF) partir  
 Lit.: ‘As mulheres que nós falámos com elas, elas foram-se embora.’  
 ‘As mulheres com quem falámos foram-se embora.’
- (43) Kiriolu é *língua*<sub>[+SG]<sub>i</sub></sub> [CP/OBL ki e ta identifika si  
 Crioulo ser língua que 3SG IMPERF identificar POSS  
 kabésa ku *el*<sub>[+SG]<sub>i</sub></sub>].  
 cabeça com 3SG  
 Lit.: ‘O crioulo é a língua que ele se identifica com ele.’  
 ‘O crioulo é a língua com a qual ele [caboverdiano] se identifica.’  
 (Silva, 1998: 120)
- (44) *Mudjeris*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> [CP/OBL ki N papia *ku-el*<sub>[+SG]<sub>i</sub></sub> /\**es*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> ]  
 Mulheres que 1SG falar(PERF) com-3SG/\*3PL  
 [sen konxe-s dretu].  
 [sem conhecer-3PL direito]  
 Lit.: ‘As mulheres que eu falei com ele (\*elas) sem as conhecer bem.’  
 ‘As mulheres com quem eu falei sem conhecer bem.’
- (45) Nu papia na (...) *brigas*<sub>[+PL]<sub>i</sub></sub> [CP/OBL ki más grandi  
 1PL falar(PERF) em brigas que mais grande  
 ta po-nu na *el*<sub>[+SG]<sub>i</sub></sub>].  
 IMPERF pôr-1PL em 3SG  
 Lit.: ‘Nós falámos nas brigas que os mais velhos nos envolviam nele.’  
 ‘Falámos nas brigas em que os mais velhos nos envolviam.’ (Santos, 2000)

Quer os falantes façam uma opção, quer façam outra, a estratégia de relativização de PPs nesta língua parece implicar a preferência de *Merge* sobre *Move*, rejeitando o *pied piping* do sintagma-Q extraído para *Spec/CP*.

A partir dos enunciados de (41)-(45) (e os de (24)-(26)), constata-se ainda que o CCV relativiza todas as posições sintáticas através do morfema *ki*<sup>9</sup>. Este morfema, correspondente ao *que* do PE, parece ser sensível à natureza [+N] dos elementos que o seleccionam. Deste modo, enquanto em PE *que* é a mesma forma para pronome relativo e para complementador (em termos gerais), no CCV, *ki* só é um complementador se introduzir frases seleccionadas por elementos [+N] (cf. (46)).

- (46) É orijenti [CP ki ranjadu tenpu pa nu komesa ta  
 Ser urgente que arranjar+du tempo para 1PL começar IMPERF  
 toma asériu es patrimóni kultural].  
 tomar a sério DEM património cultural  
 ‘É urgente que se arranje tempo para começarmos a levar a sério este património cultural.’ (Silva, 1998: 110)

<sup>9</sup> À excepção da relativa de Locativo (em (i)), onde *ki* alterna com a ocorrência de *undi* (advérbio relativo derivado do PE *onde*).

(i) Kes loja [{undi/ki} N konpra es ropa-li] es fitxa.  
 DET loja {onde/que} 1SG comprar(PERF) DEM roupa-CL 3PL fechar(PERF)  
 ‘As lojas onde comprei estas roupas fecharam.’

Para introduzir frases que funcionam como complementos verbais, o CCV dispõe de quatro complementadores distintos de *ki* (cf. (47)-(50)).

(i) MA – usado com verbos declarativos:

- (47) Djon fla m'e odja kes mudjeris-li.  
 João dizer(PERF) MA-3SG ver(PERF) DEM mulheres-CL  
 'O João disse que viu estas mulheres.'

(ii) PA – usado com verbos volitivos, para transmitir ordens:

- (48) Bo bu kre pa nu fasi trabadju.  
 2SG 2SG querer(IMPERF) PA 1PL fazer(IMPERF) trabalho  
 'Tu queres que nós façamos o trabalho.'

(iii) PAMODI – usado com verbos factivos:

- (49) N atxa rabes pamodi e ka kumi  
 1SG achar(IMPERF) estranho PAMODI 3SG NEG comer(IMPERF)  
 nha kumida.  
 POSS comida  
 'Lamento que ele não coma a minha comida.'

(iv) SI – usado para introduzir interrogativas indirectas:

- (50) El prugunta-m si nha pai dja txiga.  
 3SG perguntar(PERF)-1SG SI POSS pai já chegar(PERF)  
 'Ele(a) perguntou-me se o meu pai já tinha chegado.'  
 (*in* Baptista, 1999: 8, nota 10)

Por sua vez, as interrogativas-Q do CCV (independentes ou não) têm de ser sempre focalizadas com *ki*, que funcionará nesta língua como a lexicalização de C° [+Q] (cf. (51)-(56)).

- (51) **Ken ki** ka konxe bidjakaria di Nho?  
 Quem que NEG conhecer velhacaria de senhor  
 'Quem é que não sabe como o senhor é velhaco?' (Santos, 2000)

- (52) **Kantu mudjeris ki** fuxi di kasa?  
 Quanto mulheres que fugir(PERF) de casa  
 'Quantas mulheres (é que) fugiram de casa?'

- (53) **Kuse ki** bo ta bebi?  
 Coisa que 2SG IMPERF beber  
 'O que é que tu bebes?'

- (54) **Y pamódi ki** ka ta kiriadu kondisons pa  
 E porque que NEG IMPERF criar+du condições para  
 xina nos língua?  
 aprender POSS língua  
 'É porque é que não são criadas condições para se aprender a nossa língua?'  
 (Silva, 1998: 112)

(55) **Ku kenha ki** padri sa ta papia?  
Com quem que padre IMPERF falar  
'Com quem é que o padre está a falar?'

(56) **Undi ki** es kunpra pexe?  
Onde que 3PL comprar(PERF) peixe  
'Onde é que compraram o peixe?'

As interrogativas *in situ* são uma exceção à co-ocorrência de morfema-Q e *ki*, porque este tipo de construções não pode ocorrer com *ki* (cf. (57)-(58)). Neste tipo de orações, o morfema-Q não é deslocado para *Spec/CP*, não havendo portanto um *C°* que possa ser lexicalizado por *ki*. O comportamento destas construções em CCV corrobora, assim, a hipótese avançada em (32) de que *ki* lexicaliza *C°* por *Merge*.

(57) Pa mandadu di **kenha**, N ka sabe.  
Para mandado de quem 1SG NEG saber(IMPERF)  
'A mando de quem, eu não sei.' (Silva, 1998: 112)

(58) Maridu, kel li e' **kusé**?  
Marido isto ali ser coisa  
'Marido, isto é o quê?' (Santos, 2000)

Realce-se ainda que, nestas estruturas do CCV, o V e *ki* não parecem estar a competir pela mesma posição, pois esta língua só permite inversão SU-V no contexto de verbos inacusativos com DP[+indefinidos] (cf. (59b)).

(59) P: Kenha ki txiga Praia?  
Quem que chegar(PERF) Praia  
'Quem é que chegou à Praia?'  
R: a. \*Txiga [DP[+def.] Djon].  
'Chegou o João.'  
b. Txiga [DP[-def.] uns artista].  
'Chegaram uns artistas.'  
c. \*Uns artista txiga.  
'Uns artistas chegaram.'

Finalmente, as estratégias de clivagem em CCV parecem ser um pouco mais restritivas do que as do PE, na medida em que os processos que envolvem relativas livres em PE (clivadas-Q e pseudo-clivadas básica e invertida) têm de ser formadas neste crioulo com o recurso a uma relativa restritiva (cf. (60)-(62)).

(60) Clivada-Q  
Foi galinha [**kusa ki** rapas furta] (e ka patu).  
Ser galinhas coisa que rapaz roubar(PERF) (ser NEG patos)  
'Foi as galinhas o que o rapaz roubou (não foi os patos).'

(61) Pseudo-clivada básica  
[**Kusa ki** rapas furta] e galinha.

Coisa que rapaz roubar(PERF) ser galinhas  
'O que o rapaz roubou foi as galinhas.'

- (62) Pseudo-clivada invertida  
Mesa e [kusa k'N ta fasi].  
Mesas ser coisa que-1SG IMPERF fazer  
'Mesas é o que eu faço.'

Apesar desta situação, não podemos dizer que o CCV não tem a possibilidade de formar relativas livres. Este crioulo tem-nas, como se pode ver no seguinte provérbio (onde elas são mais frequentes):

- (63) Ken ta lava buro kabésa ta perde se  
Quem IMPERF lavar burro cabeça IMPERF perder POSS  
trabadju y se sabon.  
trabalho e POSS sabão  
'Lit.: Quem lava a cabeça a um burro perde o trabalho e o sabão.'  
'É malhar em ferro frio.' (Costa & Duarte 1967:316)

À semelhança do que foi dito para o PB, as pseudo-clivadas invertidas de *ki* em CCV geram leituras ambíguas entre clivadas e relativas, implicando obrigatoriamente o apagamento do verbo copulativo *e* em I<sup>o</sup><sup>10</sup> (cf. (64)-(66)).

- (64) [DP/SU Djon] ki sabi e undi.  
João que saber ser onde  
'O João é que sabe onde é.' (Quint-Abrial, 1998)
- (65) [DP/OD Galinha] ki rapas furta (e ka patu).  
Galinhas que rapaz roubar(PERF) (ser NEG patos)  
'As galinhas é que o rapaz roubou (não foi os patos).'
- (66) [ADV/OBL Oxi] ki N ta po-bu na korda.  
Hoje que 1SG IMPERF pôr-2SG em corda  
'Hoje é que eu te apanho.' (Santos, 2000)

Finalmente, relativamente às semi-pseudo-clivadas básicas do PE, o CCV parece preferir recorrer a estruturas coordenadas para contrastar os constituintes (cf. (67)).

- (67) Abo bu ta furta [galinha]  
2SG 2SG IMPERF roubar galinha  
\*(e ka patu ki bu ta furta).  
\*(ser NEG patos que 2SG IMPERF roubar)  
'Tu roubas galinhas, não são patos que tu roubas.'  
Equivalente a: 'Tu roubas é galinhas.'

## 5. Resumindo

O que foi exposto na secção anterior encontra-se sintetizado no Quadro I:

---

<sup>10</sup> Recorde-se que em CCV, na variante considerada, não existe *e ki* como alternativa a *ki*.

Quadro I. *Lexicalização de C° e I° nas construções e línguas analisadas*

	É QUE			QUE/KI		
	REL	INT	CLIV	REL	INT	CLIV
<b>PE</b>	-	+	+	+	-	-
<b>PB</b>	? (cf. (34-35))	+	→ +	+	→ +	+
<b>CCV</b>	-	-	-	+	+	+

Note-se que, em PB e relativamente ao PE, parece haver uma maior tendência para se empregar *é que* nas construções clivadas, enquanto nas interrogativas a tendência parece ser precisamente a de redução da sequência *é que* a *que*. Ou seja, nas orações interrogativas, o PB parece estar a aproximar-se do comportamento exibido pelo CCV no que diz respeito à co-ocorrência de *que* e de um morfema ou sintagma-Q em *Spec/CP*, comportamento este que pode estar relacionado com a impossibilidade de inversão S-V na maior parte das construções sintáticas.

Tal como se verifica no Quadro I, o CCV exhibe um comportamento inverso ao do PE nas orações interrogativas e clivadas, sendo que o uso de *ki* não constitui em CCV uma alternativa à expressão reanalisada *e ki* (correspondente ao *é que* do PE e PB).

## 6. Conclusões

Podemos concluir que, apesar das muitas semelhanças que partilha com o PE, o CCV evidencia preferência (i) pela lexicalização de C° [+Q], em detrimento de V-para-C nas interrogativas, por exemplo; (ii) pelas estratégias que não envolvem relativas livres nas clivadas e (iii) pelo emprego de *ki*, equivalente a *é que* do PE, sempre que a expressão possa ocorrer (como acontece nas interrogativas e clivadas). O CCV exhibe igualmente uma característica distinta do PE e do PB quanto à relativização de PPs, optando, nomeadamente, por uma estratégia de ‘abandono de preposição com vestígio realizado’ e, alternativamente, pela resumptivização desses constituintes. Enquanto isso, o PE e o PB alternam entre a estratégia canónica, com *pied piping*, e as estratégias cortadora e resumptiva.

Relativamente às interrogativas e clivadas, construções em que há uma clara distinção entre PE e CCV (cf. Quadro I), o PB parece encontrar-se num estágio intermédio entre aquelas línguas, estando ainda a fazer escolhas entre a redução de *é que* a *que*, preferencialmente nas interrogativas, e a manutenção de *é que*, nas clivadas, daí poder falar-se da existência de gramáticas em competição. Os dados do PB parecem, apesar disso, confirmar a hipótese de que esta variedade do Português precisa de lexicalizar a posição de C° [+Q] por *Merge*. Ou seja, C° é preenchido por um elemento [+Q] gerado na base, não sendo o resultado de um movimento.

Ao propor-se que na gramática do PB há estratégias que se aproximam mais do CCV do que do PE, não se pretende afirmar que o PB (falado) é um semi-crioulo (como proposta de Holm 1992), antes pelo contrário. A assunção é a de que, nas línguas aqui em análise, a mudança sintáctica segue o seu curso a ritmos diferentes, mas que, crê-se, parece depender mais (i) da selecção de determinados valores dos traços dos morfemas-Q (com o recurso à forma não marcada *que*) e (ii) da preferência por *Merge* em detrimento de *Move*, do que da interferência de factores extra-linguísticos (como nível de instrução, idade, ou até contacto entre línguas).

## Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Nélia. 2000. *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- ALEXANDRE, Nélia & HAGEMEIJER, Tjerk. 2002. “Pronomes Resumptivos e Abandono de Preposição nos Crioulos Atlânticos de Base Lexical Portuguesa”, in *XVII Encontro Nacional da APL*, pp. 17-29, Lisboa: Colibri.
- AMBAR, M<sup>a</sup> Manuela. 1992. *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Diss. de Doutoramento, Lisboa: Colibri.
- BAPTISTA, Marlyse. 1999. “Wh-extraction and Lack of Asymmetry: the puzzle of creoles”, *Harvard Working Papers in Linguistics*, vol. 3, 1993.
- BRITO, Ana Maria Barros de. 1991. *A Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*, Diss. de Doutoramento, INIC: Porto.
- BRITO, Ana Maria. 1995. “As orações relativas restritivas nas variantes culta e oral em quatro línguas românicas, com incidência especial em Português”, in *Lusorama*, 27, Instituto Camões: Frankfurt.
- BRITO, Ana M<sup>a</sup>., DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela. 2003. “Estrutura da frase simples e tipos de frase”, in Mateus, M<sup>a</sup>. Helena *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5<sup>a</sup> ed., 433-506, Lisboa: Caminho.
- BRITO, A. de Paula. 1967. “Dialectos crioulos-portugueses. Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde”, in *Estudos Linguísticos – Crioulos*, pp. 329-404, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- CHOMSKY, Noam & LASNIK, Howard. 1977. “Filters and Control”, *LI*, 8:3.
- COSTA, João e DUARTE, Inês. 2001. “Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português”, *XVI Encontro Nacional da APL*, Coimbra, pp. 627-638, Lisboa: Colibri.
- COSTA, Joaquim V. Botelho da & DUARTE, Custódio José. 1967. “O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt”, in *Estudos Linguísticos – Crioulos*, pp. 235-328, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- DUARTE, Inês. 2000. “Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro”, Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, Portugal, 8th-13th May.
- FARIA, Isabel H. & DUARTE, Inês. 1989. “O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1, 21-27, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- HOLM, John. 1992. “Popupar Brazilian Portuguese: a semi-creole”, in Ernesto d’Andrade & Alain Kihm (eds.), *Actas do Colóquio sobre “Crioulos de Base Lexical Portuguesa”*, Lisboa: Colibri.
- HUBER, Joseph. 1933. *Gramática do Português Antigo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- KATO, Mary A. 1993. “Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica”, in Ian ROBERTS & Mary KATO (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*, 223-261, Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- KATO, Mary; BRAGA, M<sup>a</sup>.; CORRÊA, Vilma; ROSSI, M<sup>a</sup>. & SIKANSI, Nilmara. 1996. “As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas”, in Ingedore G. V. Koch (Org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VI, pp. 303-368, Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- PERES, João & MÓIA, Telmo. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- PERRONI, Maria Cecília. 2001. “As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro”, *DELTA*, 17:1, 59-79.
- QUINT-ABRIAL, Nicolas. 1998. *Dicionário Caboverdiano-Português: Variante de Santiago*, Lisboa: Verbalis Computação e Linguagem.
- ROSSI, M<sup>a</sup> A. G. Lopes. 1993. “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil”, in Ian ROBERTS & Mary KATO (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*, 307-342, Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- SANTOS, Horácio. 2000. “Stórias ki nu obi ta kontadu – Midjor manera di kume makaku”, in *Aliança*, Mar., p. 34.
- SILVA, T. V. da. 1998. “Kiriolu: Spedju di nos alma”, in *Cultura*, n<sup>o</sup> 2, pp. 109-131, Praia: Ministério da Cultura de Cabo Verde.
- TARALLO, Fernando. 1985. “The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese”, in KING, L. & MALEY, C., *Selected Papers from the XIII<sup>th</sup> Linguistic Symposium on Romance Languages*, 355-375, Amsterdão: John Benjamins.